

LOUCURA E ANCESTRALIDADE EM *PONCIÁ VICÊNCIO*

MADNESS AND ANCESTRALITY IN PONCIÁ VICÊNCIO

Maria Clara Teixeira LOPES¹, Yuri BELLOUBE²

RESUMO: o presente artigo visa analisar o romance de Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio* (2017), a partir da observação da herança de Vô Vicêncio, manifestada na loucura da protagonista, como metáfora à condição das pessoas negras na sociedade brasileira, que não se alterou após o fim da escravidão no país. Para isso, foi necessário explorar o conceito de *escrevivência*, sempre presente na obra da autora, além das temáticas ancestralidade, memória e violência, as quais permeiam as vivências dessas pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: loucura; ancestralidade; Ponciá Vicêncio.

ABSTRACT: This article aims to analyse the novel *Ponciá Vicencio* (2017) by Conceição Evaristo from the observation of Ponciá's madness. The protagonist condition is perceived as a legacy coming from Vô Vicêncio, and as a metaphor for the condition of black people in Brazilian society, which has not changed after the end of slavery. To achieve the goal, it is necessary to explore the concept of *escrevivência*, always present in the author's work, in addition to the themes of ancestry, memory, and violence that permeate these people's experiences.

KEYWORDS: madness; ancestry; Ponciá Vicêncio.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras com habilitação em português/inglês, na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) — *Campus* de São José do Rio Preto. E-mail: clara.teixeira@unesp.br

² Graduando do Curso de Licenciatura em Letras com habilitação em português/inglês, na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) — *Campus* de São José do Rio Preto. E-mail: yuri.belloube@unesp.br

*Os ossos de nossos antepassados
colhem as nossas perenes lágrimas
pelos mortos de hoje.*

*Os olhos de nossos antepassados,
negras estrelas tingidas de sangue,
elevam-se das profundezas do tempo
cuidando de nossa dolorida memória.*

*A terra está coberta de valas
e a qualquer descuido da vida
a morte é certa.*

*A bala não erra o alvo, no escuro
um corpo negro bambeia e dança.
A certidão de óbito, os antigos sabem,
veio lavrada desde os negreiros.*

(EVARISTO, 2017, p. 17)

1 Introdução

As produções literárias contemporâneas no Brasil impulsionaram maior reconhecimento de outros tipos de narrativas, antes relegadas a um papel secundário. Assim, histórias diversificadas chegam cada vez mais ao gosto do público, resultando em uma grande expansão da chamada literatura afro-brasileira no cânone do país. Carolina Maria de Jesus, Itamar Vieira Junior, Jeferson Tenório e Geovani Martins são alguns nomes que vêm ganhando destaque, por exemplo.

Relacionado a esse fato, ampliam-se as publicações de pessoas negras e ganha força a “literatura afro-brasileira”, aquela que tem como questões “o resgate da história do povo negro na diáspora brasileira, passando pela denúncia da escravidão e de suas consequências ou ir até à glorificação de heróis como Zumbi e Ganga Zumba” (DUARTE, 2008). É uma literatura extensa que remete ainda ao século XIX, com *Úrsula*, publicado no ano de 1859, por exemplo. A narrativa escrita por Maria Firmina dos Reis, filha de uma escravizada, é o primeiro romance escrito por uma mulher no Brasil, que, como diferencial de outras obras da época, dá voz às personagens escravizadas. *Úrsula*

MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 21, n. 01, p. 323-341

passou por um processo de silenciamento, sendo redescoberto recentemente e republicado no Brasil por grandes editoras em 2018 e 2021. Contudo, essa distinção é questionada pela academia e pela crítica, pois a Literatura já trata de assuntos universais do ser humano, assim sendo, a separação proposta de uma literatura negra seria individualista (ARAÚJO, 2007). Cortazzo (2011) afirma a voz negra emergir como resistência, como um discurso não autorizado que causa a ruptura desse contexto, no qual os brancos eram os únicos permitidos a falar, e afirma a voz negra ser justamente ligada à sua comunidade, a um “*nós*”, que busca contar a história por sua própria perspectiva, uma vez que a estrutura racista da sociedade silencia as explorações impostas a esse povo.

Nessa conjuntura, Conceição Evaristo publica seu primeiro romance: *Ponciá Vicêncio*, em 2003. A autora negra, no entanto, alcança o devido reconhecimento apenas uma década depois, com os livros de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) e *Olhos d'água* (2014). Em sua obra, Evaristo aborda temas relacionados às vivências negras na sociedade brasileira racista: a *escrivência*, a identidade, a violência, a memória e a ancestralidade. Considerando essas ideias, a obra de estreia da autora aborda a vida de Ponciá Vicêncio, tratando de sua infância na fazenda na qual seus pais moravam até sua vida adulta em uma casa de periferia na cidade grande. A protagonista, que dá nome ao livro, tem uma relação familiar bem próxima da mãe, com a qual passa a maior parte do dia moldando o barro, enquanto o pai e o irmão ainda trabalham na “terra dos brancos”. Conforme cresce, Ponciá aspira a um futuro melhor para si e para sua família e, então, parte para a cidade em busca de melhores oportunidades, tendo em vista que a situação das pessoas negras na fazenda não mudara muito desde a abolição da escravidão. Luandi, irmão da personagem principal, parte logo em seguida em busca dela, mas, devido à dificuldade de encontrá-la, opta também por permanecer na região.

O enredo é simples, todavia, não é o acontecimento o mais importante na narrativa, mas seu caráter fragmentário. A história não é linear, confunde-se em memórias e devaneios da heroína, não tendo, portanto, um espaço e tempo bem delimitados. São as suas memórias as responsáveis por aproximá-la dos ancestrais e, assim, da comunidade, enquanto seus devaneios são relacionados à loucura, importante aspecto ressaltado na narrativa. Dessa forma, o narrador tem um

importante papel em dar ao leitor o acesso a esses pensamentos da protagonista de modo a fazer com que a entendamos.

Para a análise proposta, estudaremos a loucura presente no romance como metáfora das sequelas da escravidão do povo negro que, mesmo após a abolição, ainda não tinha um lugar na sociedade brasileira. Para isso, primeiramente abordaremos o conceito de *escrevivência*, cunhado pela própria Evaristo, para entender a escrita da autora. Depois, analisaremos a narrativa de modo a destacar, além do aspecto da loucura, a memória e a ancestralidade. Por fim, esperamos relacionar os temas citados com a herança deixada por Vô Vicêncio, para tanto, precisaremos retornar às violências sofridas no período escravocrata a fim de compreender as consequências dessas atrocidades para as personagens.

2 Escrevivências

Para melhor compreender de que maneira Conceição Evaristo subverte a tradição literária em sua escrita e a importância de suas obras como forma de resistência, faz-se necessário discorrer a respeito da representação, até então, das pessoas negras na literatura brasileira.

Os autores considerados referências no cânone brasileiro eram majoritariamente homens, brancos e de classe média alta. Esse fato relaciona-se à ideia que a sociedade tinha das pessoas pretas, ainda muito ligada à escravidão, assim, seria impossível para esses escritores colocarem-nas ocupando outras posições que não as de inferioridade e de submissão. Podemos perceber a manutenção dessas concepções até a literatura contemporânea brasileira, que traz, em sua imensa maioria, personagens brancas (79,8%)³, ocupando majoritariamente as funções de dona de casa, artista e escritor; as pretas, quando aparecem (7,9%), são retratadas de maneira estereotipada: a empregada doméstica, o escravizado, a prostituta e o ex-escravizado marginalizado (DALCASTAGNÈ, 2008).

³ Pesquisa realizada pela professora doutora Regina Dalcastagnè, publicada em 2008 na UnB, que buscou levantar a quantidade de personagens negras na narrativa brasileira contemporânea analisando e identificando diferentes modos de representação literária das relações raciais numa sociedade marcada pela discriminação.

A figura da mulher negra é ainda mais rotulada, pois esse sujeito encontra-se na interseccionalidade, segundo Crenshaw (2002), sobre a qual recaem os estigmas do machismo ou misoginia e do racismo. Nesse contexto, Evaristo produz suas obras enfatizando a experiência de ser uma mulher preta, prática, essa, vivida na pele, mudando a maneira de enxergarmos essas mulheres, dado que

A ficção ainda se ancora nas imagens de um passado escravo, em que a mulher negra era considerada só como um corpo que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou de um corpo-objeto de prazer do macho senhor. Percebe-se que a personagem feminina negra não aparece como musa, heroína romântica ou mãe (EVARISTO, 2009, p. 23).

Confrontando essa realidade, concebe-se a literatura afro-brasileira no país. Conceição Evaristo aparece, então, com obras subversivas a essa representação do negro vigente no contexto literário, pois não a representa, mas, sim, escreve sua vivência partindo de uma perspectiva de autorrepresentação. Nesse contexto, as escritoras negras constroem suas histórias a fim de criar

[...] uma literatura em que o *corpo-mulher-negra* deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como *sujeito-mulher-negra* que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira (EVARISTO, 2005a, p. 54, grifos da autora)

Essa maneira de fazer literatura configura-se como um movimento de resistência por proporcionar à pessoa negra ser porta-voz de seu próprio discurso, antes silenciado, rememorando as violências sofridas durante o período da escravidão e expondo a manutenção de muitas delas no sistema racista no qual ainda vivemos hoje. Assim, também expõe Anzaldúa (2000, p. 232) em sua carta aberta às mulheres escritoras do terceiro mundo

Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia.

A partir desse movimento de escrita, Evaristo cria o termo *escrevivência*, muito importante para o entendimento de sua obra, assim, faz-se necessário compreender um pouco mais a respeito de sua significação. Segundo a própria autora, *escrevivência* é

a fala de um corpo que não é apenas *descrito*, mas antes de tudo *vivido*. A das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (EVARISTO, 2005b, p. 206, grifos da autora).

Dessa forma, Conceição Evaristo mobiliza um discurso em suas obras não só descrevendo a condição dos negros na sociedade, mais especificamente da mulher negra, mas também vivenciando essa condição. Sua escrita explora aspectos importantes da subjetividade como a vivência coletiva, a memória ancestral, a religião de matriz africana e a cultura africana mesclada à brasileira.

A voz de Evaristo mistura-se às de suas personagens, confundindo as (escre)vivências. Esse recurso é muito importante para a análise de suas obras, inclusive de *Ponciá Vicêncio* (2017), que discutiremos na próxima seção deste artigo, pois segundo a própria autora e a protagonista

Às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, no ato da escrita. Por isso, quando uma leitora ou um leitor vem me dizer do engasgo que sente, ao ler determinadas passagens do livro, apenas respondo que o engasgo é nosso. A nossa afinidade (Ponciá e eu) é tão grande, que, apesar de nossas histórias diferenciadas, muitas vezes meu nome é trocado pelo dela. Recebo o nome da personagem, de bom grado. Na con(fusão) já me pediram autógrafa, me abordando carinhosamente por Ponciá Evaristo e distraída quase assinei, como se eu fosse a moça, ou como se a moça fosse eu (EVARISTO, 2017).

3 As Sequelas da Escravidão em *Ponciá Vicêncio*

Diante do exposto na seção anterior, percebemos ser muito forte o sentimento de pertencimento e de comunidade, na mistura entre escritores e escritos. Assim, na busca por uma forma de humanização — não se esquecendo do fato que foi, por três séculos, apenas mercadoria —, a população negra retoma a ancestralidade e a cultura, mantidas vivas por meio de uma tradição

oral. Dessa forma, a memória é um tema muito importante, perpassando todo o romance de Evaristo, percebido principalmente na figura do boneco de barro: um artefato semelhante ao Vô Vicêncio. Apesar de Ponciá ter tido pouco contato com o avô, ele acompanha toda a trajetória da heroína, como uma espécie de amuleto.

Ponciá Vicêncio também sabia trabalhar muito bem o barro. Um dia ela fez um homem baixinho, curvado, magrinho, graveto e com o bracinho cotoco para trás [...] A mãe andava com o coração aflito e indagador. O que havia com aquela menina? Primeiro andou de repente e com todo o jeito do avô ... Agora havia feito aquele homenzinho de barro, tão igual ao velho [...] O que fazer com a criação da filha? O que fazer com o Vô Vicêncio da filha? sim, era ele. Igualzinho! Como a menina se lembrava dele? Ela era tão pequena, tão de colo ainda quando o homem fez a passagem. Como, então, Ponciá Vicêncio havia guardado todo o jeito dele na memória? (EVARISTO, 2017, p. 20).

Outro aspecto a ser ressaltado é que, mesmo não tendo espaço e tempo muito bem definidos, a história de Ponciá dá-se em uma grande fazenda onde sua família trabalha há pelo menos duas gerações: do avô, ainda no tempo da escravidão e do pai, durante a transição pós promulgação da Lei Áurea. Assim sendo, é impossível não observar as vivências dessas personagens sem as profundas marcas da violência deixadas por esse regime nos corpos e nas mentes. Essa é uma reflexão que, inclusive, atormenta a própria protagonista da narrativa, pois, em muitos momentos da história, ela sente o peso do passado em seu presente

De que valera o padecimento de todos aqueles que ficaram para trás? De que adiantara a coragem de muitos em escolher a fuga, de viverem o ideal quilombola? De que valera o desespero de Vô Vicêncio? Ele, num ato de coragem-covardia, se rebelara, matara uns dos seus e quisera se matar também. O que adiantara? A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida (EVARISTO, 2017, p. 71-72).

Posto isso, para compreender a loucura — desde a “profecia” até a efetivação — como metáfora da herança escravagista na população negra brasileira, precisamos analisar cuidadosamente os traços deixados nas

personagens por essa condição infame e as formas de enfrentamento dessa conjuntura. Esse fato relaciona-se diretamente com a condição de ex-escravizada da protagonista em uma sociedade na qual a escravidão acabou apenas formalmente.

3.1 Ancestralidade e memória

Como evidenciado anteriormente, um dos tópicos principais a ser discutidos a partir da leitura de *Ponciá Vicêncio* (2017) é a ancestralidade relacionada à memória. Tomando como ancestralidade não apenas os laços sanguíneos que unem os indivíduos negros no Brasil, mas também as culturas e a afetividade relacionadas ao lugar de origem, o continente africano (FREITAS; SANTOS, 2018). Dessa forma, a ancestralidade seria construída por meio da memória coletiva desse povo. Conceição Evaristo, nesse romance, apresenta aspectos da cultura africana ligados à brasileira, retomando, assim, a origem e a construção do povo afro-brasileiro. Um desses aspectos é o realismo animista, conceito apresentado por Pepetela e abordado por Saraiva (2007), para o qual coexistem o mundo natural e o sobrenatural, presente principalmente na seguinte cena

O vento soprava no milharal, as bonecas dobravam até ao chão. Ponciá Vicêncio ria. Tudo era tão bom. Um dia, nessa brincadeira, ela viu uma mulher alta, muito alta que chegava até o céu. Primeiro ela viu os pés da mulher, depois as pernas, que eram longas e finas, depois o corpo, que era transparente e vazio. Sorriu para a mulher que lhe correspondeu o sorriso (EVARISTO, 2017, p. 14).

A presença da “mulher alta” retoma aspectos ligados à crença de espiritualidade comum em algumas religiões de matriz africana. Além disso, a fim de recuperar a cultura diaspórica, isto é, a cultura africana trazida ao Brasil pelos escravizados, Evaristo utiliza palavras, mitos e lendas desse continente no decorrer de toda a narrativa.

Outro elemento presente no romance é a coletividade, isto é, a importância da comunidade na vida individual, já que as vivências particulares se fundem às coletivas. A obra não só traz a história de Ponciá, mas também nela

representa todas as vivências passadas de um povo. A figura de Nêngua Kainda e do próprio Vô Vicêncio surgem como materialização dessa ancestralidade: a primeira, por ser uma das mais velhas na fazenda/povoado, funciona como referência para todos e é a ela que recorrem quando precisam de conselhos ou necessitam conectar-se com a comunidade e com a própria espiritualidade; já Vô Vicêncio é frequentemente resgatado nas memórias da protagonista que recorda as histórias e os sofrimentos passados do avô enquanto os compara com o próprio presente.

Assim, a personagem principal do romance não consegue desprender-se do passado de seus ancestrais, pois como declara Walter Benjamin em seu ensaio *Sobre o conceito de história* (1987, p. 223)

O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa.

Estabelece-se uma relação entre ancestralidade e memória, uma vez que a ancestralidade é recuperada através da memória. Essa temática aparece, inclusive, na estrutura da obra: *Ponciá Vicêncio* é composto por diversos fragmentos narrativos que se configuram quase como cenas. Dessa maneira, o romance apresenta-se de forma não linear ao narrar a história de Ponciá desde sua infância até a vida adulta, misturando presente e passado. Ademais, as situações vividas pela protagonista são interrompidas por lembranças da vida de seu avô, de seu pai e pela história presente de seu irmão e de sua mãe. O fragmento a seguir representa a importância que manter vivas as memórias tem para a personagem principal,

Ponciá Vicêncio gostava de ficar sentada perto da janela olhando o nada. Às vezes se distraía tanto, que até esquecia da janta e quando via o seu homem estava chegando do trabalho. Ela gastava todo o tempo com o pensar, com o recordar. Relembrava a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava e nem inventava nada para o futuro. O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento (EVARISTO, 2017, p. 18).

Cenas como a descrita no excerto acima repetem-se diversas vezes no decorrer da narrativa, fazendo-nos ter acesso à subjetividade da personagem. O narrador em terceira pessoa conhece a protagonista intimamente e acessa seus pensamentos, possibilitando ao leitor conhecê-la também. Ainda a respeito disso, é através das lembranças da própria Ponciá que retornamos ao passado e conhecemos outras partes da história.

Com base nessa análise, algumas considerações a respeito da construção da narrativa devem ser feitas. Em primeiro lugar, a estrutura não linear e fragmentária da obra, repleta de analepses, associa-se com a própria segmentação da memória, além disso, essa estrutura narrativa pode ser relacionada às características de construção do romance contemporâneo, uma vez que sofre influência de outras mídias, como do cinema, e da fragmentação própria do mundo acelerado atual (CANDIDO, 1989). Essas características encontradas no romance surgem no contexto da modernidade e perduram até a contemporaneidade. A presença de fluxo de consciência e de uma narrativa mais subjetiva em determinados momentos aparece como outro traço convergente ao fazer literário na contemporaneidade, nesses momentos o tempo desacelera e conta mais a reflexão interior do que o acontecimento exterior.

Ademais, a temática da memória faz-se muito importante não só na narrativa analisada, mas também em toda a obra de Conceição Evaristo, pois as memórias coletivas dos sofrimentos carregadas desde a escravidão não podem ser esquecidas se a população preta quiser lutar para modificar sua situação, já que “[...] enquanto os sofrimentos estivessem vivos na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino” (EVARISTO, 2017, p. 109). Além disso, as memórias devem ser mantidas vivas para os brancos não se esquecerem das atrocidades que cometeram no período da escravidão.

Ponciá carrega uma forte memória da condição de seus ancestrais escravizados, o nome Vicêncio. O sobrenome trazido de outras gerações da família da protagonista relaciona-se ao nome do senhor de escravos. Nessa época, os africanos trazidos para o trabalho, assim que eram vendidos, recebiam o nome do fazendeiro comprador. Portanto, o nome Ponciá Vicêncio já remonta aos sofrimentos da escravidão, seus antepassados nem possuíam uma identidade

própria, e é desse modo que a personagem se sente ao propagar este nome: sem identidade, como se ainda estivesse escravizada. Esse sentimento gera nela uma angústia e uma sensação de vazio, como podemos observar no seguinte trecho

Seria isto a vida, meu Deus? Os dias passavam, estava cansada, fraca para viver, mas coragem para morrer também não tinha ainda. O homem gostava de dizer que ela era pancada da ideia. Seria? Seria! Às vezes, se sentia, mesmo, como se a sua cabeça fosse um grande vazio, repleto de nada e nada (EVARISTO, 2017, p. 29-30).

A protagonista da história sente uma melancolia tão grande assemelhando-se ao sentimento de *banzo*, uma mistura de nostalgia profunda com loucura, de seus antepassados que, muitas vezes, os levavam ao suicídio como fuga dessa realidade.

3.2 Violência e suicídio

É inegável que o processo de escravização era brutal, retirando toda a humanidade das pessoas negras por meio da violência e por negar direitos básicos. Esse regime não só se efetuou apenas de modo físico, mas também — e majoritariamente — psicológico. Devido a isso, a violência, por muitas vezes, era a única realidade conhecida pelas pessoas escravizadas, embrutecidas por essa condição. Dessa maneira, a reação dos oprimidos a algumas cenas da vida cotidiana dava-se também por meio da brutalidade — a violência é uma resposta quase imediata —, como observamos no trecho a seguir, uma cena de violência doméstica sofrida por Ponciá devido a seu marido não saber lidar com a loucura cada vez mais aparente:

Ao ver a mulher tão alheia teve desejos de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar homem. Levantou, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta dele (EVARISTO, 2017, p. 19).

Ainda sob esse aspecto, outra forma de tentativa de emancipação parte da idealização de igualar-se aos detentores do poder: os brancos. Luandi, irmão de

Ponciá, quando chega à cidade, conhece um policial negro, uma “autoridade”. Logo, começa a desejar querer para si esse tipo de dominação sobre os outros. Contudo, ao viajar de volta à fazenda com uma roupa emprestada do Soldado Nestor para imitar um oficial, Luandi é confrontado por Nêngua Kainda que afirma não lhe pertencer o caminho seguido

[...] estava querendo ter voz de mando, mas de que valeria mandar tanto, se sozinho? Se a voz de Luandi não fosse o eco encompridado de outras vozes-irmãs sofridas, a fala dele nem no deserto cairia. Poderia sim, ser peia, areia nos olhos dele, chicote que ele levantaria contra os corpos dos seus (EVARISTO, 2017, p. 81).

Mais uma vez, fica evidente o surgimento do senso de coletividade, que de nada valeria, mesmo ocupando uma posição de poder, pois Luandi seria apenas mais um peão na perpetuação da violência contra seu povo, ele não teria autoridade de fato.

Outra violência presente na vida dos escravizados é o suicídio. Os que permaneciam nessa condição por muito tempo, buscavam nesse ato outra forma de escape, de liberdade. Oliveira e Oda (2008) afirmam que, segundo relatos de estrangeiros, o suicídio era uma prática muito comum entre os escravizados no século XIX. No entanto, os dados oficiais não garantem uma certeza acerca da quantidade, uma vez que o bem-estar dessa população não era do interesse das elites. Vô Vicêncio é a representação dessa perda de estabilidade e de esperança de uma vida melhor, ainda presente na neta, apesar da herança. Posto diante dessa condição degradante, ele mata a esposa e tenta se matar logo após, mas é impedido e apenas arranca o braço

Sangue e garapa podiam ser um líquido só. Vô Vicêncio com a mulher, os filhos viviam anos e anos nessa lida. Três ou quatro dos seus, nascidos do “Ventre Livre”, entretanto, como muitos, tinham sido vendidos. Numa noite, o desespero venceu. Vô Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida (EVARISTO, 2017, p. 44).

Odiado pelos amigos e familiares e inútil aos olhos dos senhores após o feito, Vô Vicêncio sobreviveu, por muitos anos, com o peso do ato cometido e

com a consciência do sofrimento de todos ao seu redor, até o momento de sua morte logo após o nascimento da neta

Quiseram vendê-lo. Mas quem compraria um escravo louco e com o braço cotó? [...] Viveu ainda muitos e muitos anos. Assistiu chorando e rindo aos sofrimentos, aos tormentos de todos. E só quando acabou de rir todos os seus loucos risos e de chorar todos os seus insanos prantos, foi que Vô Vicêncio ficou-se calmo (EVARISTO, 2017, p. 45).

Ainda que tenha tido pouco contato com o avô quando bebê, Ponciá levava consigo os trejeitos e o retrato do velho, chegando até a criar um boneco à imagem e semelhança dele. Com isso, desde pequena, a protagonista é alertada sobre o fato de ter herdado a loucura do avô e que, cedo ou tarde, ela iria se manifestar.

3.3 A loucura como herança

Assim, a partir do que foi discutido nos tópicos anteriores, é possível relacionar a herança deixada a Ponciá pelo Vô Vicêncio com a loucura, fruto de um passado repleto de sofrimentos e de um presente determinado pelo racismo. Essa prática, consciente ou inconsciente, é ligada a uma discriminação que coloca um grupo racial como superior — os brancos — a outro inferior — os pretos e os indígenas (ALMEIDA, 2019). Essa realidade remonta à época da escravidão, na qual os donos dos escravizados achavam-se superiores e, por isso, relegavam os outros a condições desumanas, era a hierarquia social vigente para a qual Gonzalez (2018) chama atenção. A autora afirma ser justamente por meio da hierarquia que as relações de poder racistas são mantidas após o fim da escravização, estratificando a sociedade em um “lugar para os brancos” e um “lugar para os negros” de modo velado, diferentemente do *apartheid* sul-africano, por exemplo. Gonzalez (2018) ainda denomina esse sistema de “racismo por denegação”, no qual não há mecanismos explícitos de segregação, mas toda uma forma de resistência que subjuga a cultura do povo negro. O racismo era uma realidade tão intrínseca à sociedade que permeou toda a construção dos preceitos e dos sistemas brasileiros. Assim, o racismo não é somente uma atitude isolada de pessoas ou grupos, mas parte das instituições

que a regem política e economicamente (ALMEIDA, 2019). Vale ressaltar que, diferentemente de ser algo longínquo e superado na sociedade como muitos acreditam, a escravização deixou marcas profundas, sendo grande parte da população negra do país hoje neta ou bisneta de escravizados. Desse modo, Almeida (2019, p. 34, grifos do autor) descreve

[...] o racismo — que se materializa como discriminação racial — é definido por seu caráter *sistêmico*. Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um *processo* em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas.

É nesse contexto que Ponciá vive, lidando com o racismo institucionalizado, fazendo-a sentir-se ainda escravizada, essa é a herança do avô: o sofrimento refletido na protagonista. A loucura deixada por Vô Vicêncio para a neta funciona, então, como uma metáfora para a condição subalterna da pessoa negra desde a escravidão até a atualidade.

Apesar de não ter convivido muito com o avô, morto quando a protagonista era apenas um bebê, Ponciá, desde criança, carrega os trejeitos dele e o imita. Toda a família preocupa-se com a semelhança entre os dois e insiste em dizer que Vô Vicêncio deixou uma herança para ela,

Ponciá Vicêncio, mesmo menina de colo ainda, nunca esqueceu o derradeiro choro e riso do avô. Nunca esqueceu que, naquela noite, ela que pouco via o pai, pois ele trabalhava lá nas terras dos brancos, escutou quando ele disse para a mãe que Vô Vicêncio deixava uma herança para menina (EVARISTO, 2017, p. 15).

A identificação que ocorre entre as duas personagens também pode ser relacionada a uma identificação da protagonista com a cultura e com as vivências de seus antepassados. Mais uma vez, a questão da ancestralidade e da memória faz-se presente na narrativa de Evaristo,

O primeiro homem que Ponciá Vicêncio conheceu fora o avô. Guardava mais a imagem dele, do que a do próprio pai. Vô Vicêncio era muito velho. Andava encurvadinho com o rosto quase no chão. Era miudinho como um graveto.

ela era menina, de colo ainda, quando ele morreu, mas se lembrava nitidamente de um detalhe. Vô Vicêncio faltava uma das mãos e vivia escondendo o braço mutilado pra trás. Ele chorava e ria muito. Chorava feito criança. Falava sozinho também. *O pouco tempo que conviveu com o avô, bastou para que ela guardasse as marcas dele* (EVARISTO, 2017, p. 15, grifos nossos).

É rememorando a vivência de seu avô que a protagonista compreende as dores de sua própria existência e as “marcas” da história de seus antepassados carregadas por ela. Vô Vicêncio, dado como louco, deixa essa herança para sua neta. A família das personagens temia a sua concretização, pois compreendia ser a loucura choro-riso do avô uma marca dos sofrimentos frutos da escravidão.

Dessa forma, após passar por dificuldades na cidade, que o fazem ter consciência do lugar ao qual estava subjugado na sociedade, Luandi finalmente compreende o estado da irmã de carregar o peso e as marcas tão árduas herdadas, sendo em alguns apenas mais visíveis. É devido a esse entendimento da herança que Ponciá e sua família partem em busca de um destino diferente de seus antepassados, distanciando-se do desfecho de Vô Vicêncio:

Um dia ele voltaria ao povoado e tentaria recolher alguns trabalhos que contavam partes de uma história. A história dos negros talvez. *A irmã tinha os traços e os modos de Vô Vicêncio*. Não estranhou a semelhança que se fazia cada vez maior. Bom que ela se fizesse reveladora, se fizesse herdeira de uma história tão sofrida, porque, enquanto os sofrimentos estivessem vivos na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino (EVARISTO, 2017, p. 109, grifos nossos).

No final do livro, Ponciá, Luandi e a mãe reencontram-se e retornam ao povoado onde viviam no começo da história. Esse retorno pode ser entendido como o regresso à ancestralidade, tão importante durante toda a narrativa, e ao sentimento de pertencimento da comunidade, como expressa a última sentença do romance:

Lá fora, no céu cor de íris, um enorme angorô multicolorido se diluía lentamente, enquanto Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória *reencontrada pelos seus*, não haveria de se perder jamais, se guardaria nas águas do rio (EVARISTO, 2017, p. 111, grifos nossos).

Com sua volta, primeiramente à sua família e depois à sua comunidade, Ponciá entende a sua herança e “faz as pazes” com ela. O livro deixa um sentimento de esperança, desde que estejam unidos, os negros terão força suficiente para enfrentar a condição a eles imposta. Somente retornando ao sentimento de comunidade e aceitando sua ancestralidade, os afro-brasileiros são capazes de manter vivas as memórias dos horrores pelos quais passaram, lutando para que não se repitam no presente.

Considerações finais

A contemporaneidade é marcada por uma pluralidade de vozes, ocasionando uma diversificação da literatura no Brasil, que se via muito masculina e branca. É nesse contexto que cresce a literatura afro-brasileira, dando mais espaço para os autores negros contarem suas próprias histórias, não mais sendo apenas representados pela visão do Outro.

Assim, Evaristo surge no cenário nacional com o romance *Ponciá Vicêncio* (2017), ainda que não tenha obtido tanto reconhecimento no início. A autora escreve a partir das *escrevivências* em suas obras, discutindo e denunciando os horrores vividos pela população negra durante a escravização. Apesar de serem muitas vezes chocantes, essas imagens fazem-se necessárias para a história não se repetir. Além disso, expõe a principal consequência do modelo escravista para a sociedade contemporânea: o racismo institucionalizado.

Dessa forma, todo o romance é permeado pelo anseio da concretização da herança de Vô Vicêncio em Ponciá, herança essa que se manifesta na loucura da neta. A protagonista, desde muito pequena, começa a imitar os trejeitos do avô e carrega durante toda a vida a memória de seu ancestral. Essas recordações da vivência e dos sofrimentos de seus ancestrais causa em Ponciá uma melancolia que, no final do livro, culmina na loucura. Para tanto, precisamos estudar todos os aspectos da condição na qual as personagens se encontram e como as afeta, é por isso que se faz necessário retornar à história do avô para compreender a situação de Ponciá no presente da narrativa. Além disso, os temas tratados por Evaristo nessa obra interligam-se, a memória faz parte da ancestralidade e a ancestralidade é retomada pela memória. Por fim, mesmo em uma situação

LOPES, M. C. T.; BELLOUBE, Y.

adversa, todas as personagens buscam um destino melhor para si, ainda que acreditem ser o melhor repetir as ações dos brancos. Assim, Ponciá, Luandi e a mãe seguem direções diferentes para no fim reencontrarem-se, e, com a força da união da família, buscar um ideal comum, bom para todos.

Como citar este artigo?

LOPES, Maria Clara Teixeira; BELLOUBE, Yuri. Loucura e Ancestralidade em *Ponciá Vicêncio. Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 21, n. 01, p. 323-341, 2022.

Referências

ALMEIDA, S. L. *Racismo estrutural*. São Paulo: Jandaíra, 2020.

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos Feministas*, 2000, Vol. 8, No. 1. Florianópolis, 2000. pp. 229-236.

ARAÚJO, F. S. *Uma escrita em dupla face: a mulher negra em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007 Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2012/11/images_Flavia.pdf. Acesso em: 30 jul. 2021.

BENJAMIN, W. Sobre o Conceito de História. In. _____. *Magia e Técnica, Arte e Política*. 3.ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1987.

CANDIDO, A. A Nova Narrativa. In. _____. *A Educação Pela Noite & Outros Ensaios*. São Paulo, Ática, 1989.

CORTAZZO, U. *Branquitude e crítica literária*. Literafro. 2011. Disponível em: www.letras.ufmg.br/literafro/.../48-uruguay-cortazzo-branquitude-e-critica-literaria. Acesso em 30 jul. 2021.

CRENSHAW, K. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: *Cruzamento: raça e gênero*, painel 1, 2002, p.7-16. Disponível em: <https://static.tumblr.com/7symefv/V6vmj45f5/kimberle-crenshaw.pdf>. Acesso em: 30 de jul. 2021.

DALCASTAGNÊ, R. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, pp. 87-110.

DUARTE, E. A. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, pp. 11-23.

DUARTE, R. O entre-lugar de Ponciá Vicêncio: O vazio como resistência. *Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, pp.182-201, fev. de 2019.

EVARISTO, C. *Ponciá Vicêncio*. 3.^a ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

_____. Certidão de óbito. In: _____. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 17.

_____. *Escrevivência*. Entrevista concedida ao Itaú Cultural em maio de 2017. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicaoovaristo/escrevivencia/>. Acesso em 30 jul. 2021.

_____. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*, 2005a, p. 52-57. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2021.

_____. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora* X Seminário Nacional Mulher e Literatura. I Seminário Internacional Mulher e Literatura. (Orgs). Nadilza Martins de Barro Moreira e Liane Schneider. João Pessoa: Ideia; Editora da UFPB, 2005b, p. 201-212.

_____. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, v. 13, n. 25, p. 17-31, 17 dez. 2009.

FREITAS, Ricardo Oliveira de ; SANTOS, S. A. . Ancestralidade negro-brasileira no romance Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. *REVISTA SOLETRAS*, p. 128-147, 2018.

GONZALEZ, L. *Primavera para as Rosas Negras*: Lélia Gonzalez. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

MELO, H. F.; GODOY, M. C. (Re)tecendo os espaços de ser: sobre a escrevivência de Conceição Evaristo como recurso emancipatório do povo afro-brasileiro. *Atas do V SI-MELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. p. 1285-1304. Disponível em: <http://siba-ese.unisalento.it/index.php/dvaf/article/view/17900/15252>. Acesso em: 30 jul. 2021.

OLIVEIRA, S. V.; ODA, A. M. G. R. O suicídio de escravos em São Paulo nas últimas duas décadas da escravidão. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p.371-388, abr.-jun. 2008.

LOPES, M. C. T.; BELLOUBE, Y.

ROCHA, G. P. *Literatura e Afrodescendência: a “escrivência” de Conceição Evaristo em Ponciá Vicêncio*. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Santa Cruz. Programa de Pós-Graduação em Letras: linguagens e representações. Ilhéus, 2013.

SARAIVA, Sueli. O realismo animista e o espaço não-nostálgico em narrativas africanas de língua portuguesa. *Anais Encontro Regional da ABRALIC*, 2007, p. 1-10.